

A VIRADA ONTOLÓGICA DA GEOGRAFIA

Josimar Monteiro Santos¹
Akylla Cozer Chiabai Silva²
Luis Carlos Tosta Dos Reis³

RESUMO

O presente texto aborda a relação entre investigação sobre a fundamentação ontológica e epistemologia na Geografia. Essa relação emerge no contexto da renovação ocorrida na ciência geográfica a partir da década de 1970, isso porque, foi em meio aos debates epistemológicos conduzidos pela Geografia crítica e pela Geografia humanista que a ontologia passou a ser considerada expressamente na ciência geográfica. O texto desenvolve uma via problematização crítica sobre o modo com o qual a ontologia foi assimilada na Geografia. Essa leitura crítica da assimilação da ontologia na Geografia toma como referência a distinção entre ontologia e epistemologia existente no pensamento de Martin Heidegger, pois, para o filósofo, a ontologia não se confunde com a epistemologia. O cerne da problemática que justifica o presente texto pode ser expresso nos seguintes termos: no contexto dos debates teóricos da Geografia na década de 1970, o modo com o qual se efetivou a assimilação da ontologia, encerrou uma epistemologização da ontologia nessa ciência, limitando o alcance do pensamento de Heidegger na ciência geográfica. Sendo assim, a distinção estabelecida por esse filósofo entre epistemologia e ontologia não foi considerada pelos geógrafos. Isso impõe a necessidade de se retomar o problema da fundamentação ontológica da Geografia, tal como Heidegger visou retomar a questão sobre o sentido do ser em “*Ser e Tempo*”. Por isso, o presente artigo objetiva contribuir com a “reabilitação” da investigação ontológica da Geografia, por meio de uma virada ontológica na Geografia.

Palavras-chave: Ontologia; Epistemologia; Geografia; Martin Heidegger.

RESUMEN

Este texto aborda la relación entre la investigación de los fundamentos ontológicos y la epistemología en Geografía. Esta relación surge en el contexto de la renovación que tuvo lugar en la ciencia geográfica a partir de la década de 1970, pues fue en medio de los debates epistemológicos protagonizados por la Geografía Crítica y la Geografía Humanista cuando la ontología pasó a ser considerada expresamente en la ciencia geográfica. El texto desarrolla una problematización crítica del modo en que la ontología ha sido asimilada en la geografía. Esta lectura crítica de la asimilación de la ontología en la geografía se basa en la distinción entre ontología y epistemología en el pensamiento de Martin Heidegger, ya que para el filósofo, la ontología no debe confundirse con la epistemología. El núcleo del problema que justifica este texto puede expresarse en los siguientes términos: en el contexto de los debates teóricos de la Geografía de los años setenta, la forma en que se asimiló la ontología condujo a una epistemologización de la ontología en esta ciencia, limitando el alcance del pensamiento

¹ Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santos - UFES, josimar.histogeo@gmail.com;

² Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santos - UFES, akylla.ccs@gmail.com

³ Professor do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santos - UFES, lctosta.reis@gmail.com;

de Heidegger en la ciencia geográfica. Así, la distinción hecha por este filósofo entre epistemología y ontología no fue tenida en cuenta por los geógrafos. Esto hace necesario volver al problema de la fundamentación ontológica de la geografía, del mismo modo que Heidegger trató de volver a la cuestión del sentido del ser en "Ser y Tiempo". Así pues, este artículo pretende contribuir a la "rehabilitación" de la investigación ontológica de la Geografía, mediante un giro ontológico en Geografía.

Palabras clave: Ontología; Epistemología; Geografía; Martin Heidegger.

INTRODUÇÃO

O presente texto aborda a relação entre a investigação ontológica e epistemologia na Geografia. Essa relação emerge, de modo saliente, no contexto da renovação ocorrida na ciência geográfica a partir da década de 1970, isso porque, foi em meio aos debates epistemológicos conduzidos pela Geografia crítica (Horizonte crítico-radical) e pela Geografia humanista (Horizonte humanista) que a ontologia passou a ser considerada de forma expressa na ciência geográfica. O texto desenvolve, como será visto, uma via problematização crítica sobre o modo com o qual a ontologia foi assimilada na Geografia.

A leitura crítica da assimilação da ontologia na Geografia toma como referência a distinção entre ontologia e epistemologia existente no pensamento de Martin Heidegger, pois, para o filósofo, a ontologia não se confunde com a epistemologia. Com base nessa distinção, pode-se argumentar que a diferença entre ambas, não foi considerada, sistematicamente, pelos geógrafos, sejam "críticos", sejam "humanistas", quando, na década de 1970, começaram a debater o problema da fundamentação ontológica da Geografia. Isso contribuiu para que a ontologia fosse requisitada para fundamentar posições teóricas, previamente, estabelecidas. Desta forma, a fixação de resoluções ontológicas teria servido, precipuamente, antes para legitimar posições teóricas pressupostas do quê, propriamente, incitar uma investigação sobre o problema da fundamentação ontológica na disciplina. Isso promoveu uma interpretação epistemológica da ontologia na Geografia, que se tornou prevalente nesta ciência desde o movimento de renovação que eclodiu nos anos 1970, bem como nas décadas subsequentes. Em resumo, a epistemologização da ontologia significou a subordinação da questão e investigação ontológica ao debate epistemológico *stricto sensu*.

Tendo em vista antecipar, de forma preliminar, a distinção presente no pensamento de Heidegger entre ontologia e epistemologia, caberia fazer uma breve referência ao significado da analítica do ser-aí humano, desenvolvida em "*Ser e Tempo*". Essa analítica foi para o pensador uma via de acesso à questão decisiva de todo seu pensamento, isto é, a questão sobre o sentido do ser. Essa questão constitui o cerne de "*Ser e Tempo*" e, enquanto questão,



designa o projeto de uma ontologia fundamental. Em síntese, a analítica do ser-aí, revela que esse ente que todos somos, o ser-aí, já é sempre um ente em meio ao mundo, aberto ao mundo, interpretando o existente humano, essa condição existencial foi nomeada pelo filósofo de ser-no-mundo enquanto fenômeno tão originário quanto uno. Por isso, não há para o referido pensador algo como um sujeito “autônomo” de um lado e, de outro lado, o mundo. Por conseguinte, para Heidegger a cisão moderna e canônica da teoria do conhecimento entre sujeito e objeto é tardia, epigonal, fruto de uma radical ausência de evidência fenomenológica.

A ontologia, enquanto questão sobre o sentido do ser, se efetiva para Heidegger mediante uma via de acesso insigne e unívoca, a saber: a analítica fenomenológica do ser-aí enquanto ser-no-mundo e, desse modo, a ontologia possui uma primazia em relação à epistemologia. Isso porque a epistemologia, enquanto teoria do conhecimento, opera a partir da cisão entre sujeito e objeto, justamente, investigando os limites do saber científico. A experiência de pensamento buscada pelo filósofo na analítica do ser-aí através do método fenomenológico descreve e demonstra o ser-aí como uma abertura ao mundo que é anterior à cisão moderna acima referida, e é justamente em função dessa abertura que algo assim como uma teoria torna-se possível. É nestes termos que a epistemologia se revelaria tardia em relação à ontologia.

Por isso, o cerne da problemática que justifica o presente texto pode ser expresso nos seguintes termos: no contexto dos debates teóricos da Geografia na década de 1970, o modo com o qual se efetivou a assimilação da ontologia, encerrou uma epistemologização da ontologia nessa ciência, limitando o alcance do pensamento de Heidegger na ciência geográfica. Sendo assim, a distinção estabelecida por esse filósofo entre epistemologia e ontologia não foi considerada pelos geógrafos. Isso impõe a necessidade de se retomar o problema da fundamentação ontológica da Geografia, tal como Heidegger visou retomar a questão sobre o sentido do ser em “*Ser e Tempo*”. Essa retomada corresponde, no âmbito mais restrito da ciência geográfica, ao projeto de “reabilitação” do problema da fundamentação ontológica da Geografia, designando, propriamente, a investigação das suas “bases ontológico-existenciais”. Isso impõe ao geógrafo a tarefa de assumir as diretrizes do método fenomenológico, expressa por Heidegger por meio da analítica do ser-aí, enquanto via de acesso à questão do ser.

Por isso, o presente artigo objetiva contribuir com a “reabilitação” da investigação ontológica da Geografia. A possibilidade de “reabilitação” do problema da fundamentação ontológica dessa ciência, encontra amparo em trabalhos anteriores (PICKLES, 1985; REIS; SANTOS, 2019; REIS; SANTOS; SILVA, 2021). Esses trabalhos indicam essa possibilidade

como um desdobramento do pensamento de Heidegger em favor de uma “retomada” da questão sobre o sentido do ser por meio da sua ontologia fundamental.

Em relação a sua metodologia, o presente texto se desenvolve no campo de reflexão acerca da problematização do fundamento ontológico da Geografia. Possui, portanto, como elemento central de operacionalização, a pesquisa bibliográfica. Por isso, a revisão bibliográfica orientou-se pela problemática do texto, isto é, pela leitura crítica do modo com o qual a ontologia foi assimilada na ciência geográfica, em meio aos debates teóricos da renovação epistemológica da Geografia. Essa leitura crítica toma como base a distinção entre ontologia e epistemologia, presente no pensamento de Heidegger. Essa distinção se dá por meio da interpretação do seu pensamento, como fenomenologia hermenêutica, sendo uma via de acesso ao método fenomenológico, como o referido filósofo expôs em “*Ser e Tempo*”. Por isso, a necessidade do geógrafo assumir analítica do ser-aí, como diretriz do método fenomenológico.

A epistemologização da ontologia efetivada, seja pela Geografia crítica, seja pela Geografia humanista, obstruiu a contribuição que o pensamento de Heidegger pode oferecer ao problema da fundamentação ontológica da Geografia. No caso da Geografia crítica cabe indicar que sua reflexão ontológica fomentou, desde 1970, uma resolução ontológica através da equivalência entre ser e ser social e, por conseguinte, entre espaço geográfico e produção social do espaço. Esse tratamento pode ser interpretado como tendo instituído uma onto-socio-logia na Geografia (REIS, 2009), na medida que se orientou por uma metafísica do ser social, que conheceu, doravante, desdobramentos ulteriores no debate teórico da disciplina (MOREIRA, 2004; 2012; MARTINS, 2007). No caso da Geografia humanista, o que houve não foi somente uma influência incidental, mas antes a requisição direta do pensamento de Heidegger nas reflexões ontológicas. Essa requisição desconsiderou a incompatibilidade entre seu pensamento e o humanismo (SANTOS, 2017). Essa requisição deu base para a definição da geograficidade como estatuto de resolução ontológica da vertente fenomenológica da Geografia humanista (HOLZER, 1998; MARANDOLA Jr., 2012), apesar dessa crassa incompatibilidade com o pensamento do filósofo. Ao não reconhecer essa incompatibilidade - elementar na compreensão do pensamento de Heidegger - os geógrafos humanistas não se atentaram para o projeto heideggeriano de “retomada” da questão sobre o sentido do ser, presente em “*Ser e Tempo*”, assim como, para a relação desse projeto com a analítica do ser-aí. Isso impediu que esses geógrafos vissem nessa analítica uma alternativa de investigação do problema de fundamentação ontológica da Geografia.



O resultado da epistemologização da ontologia na Geografia foi a obstrução da analítica do ser-aí como via de investigação do problema da fundamentação ontológica da Geografia. Isso porque, essa epistemologização ao desconsiderar a diferença entre ontologia e epistemologia, impediu que os geógrafos visualizassem nessa analítica o existencial ser-em e por meio dele, a espacialidade existencial do ser-aí. Isso indica a existência de uma crise na fundamentação ontológica da Geografia, na medida que não reconhece que a ciência deriva de uma possibilidade de ser do ser-aí. O reconhecimento dessa crise, justifica o projeto de “reabilitação” da investigação ontológica da Geografia através da investigação de suas “bases ontológico-existenciais” que corresponde ao estudo do existencial ser-em e da espacialidade existencial do ser-aí, conforme apontados por outros trabalhos (REIS; SANTOS, 2019; REIS; SANTOS; SILVA, 2021).

VIRADA ONTOLÓGICA: DAS BASES “ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS” DA GEOGRAFIA À “QUESTÃO DA TÉCNICA”

A indicação dada no final do item anterior, de que a epistemologização da ontologia causou uma crise na fundamentação ontológica da Geografia, na medida que não reconheceu que a ciência deriva de uma possibilidade de ser do ser-aí, revela o próprio conceito existencial de ciência, explicitado pelo próprio Heidegger nos seguintes termos:

A posição da existência do indivíduo em relação à ciência pode entrar em crise. Isto se funda no fato de estar absolutamente indeterminado e inexplicado como é que algo como a ciência encontra-se disposto no ser-aí humano como algo próprio à sua essência. É esse o problema da essência existencial da ciência (p. 32, grifo nosso).

Em se tratando da ciência geográfica, esse conceito existencial revela que essa ciência é uma possibilidade de ser do ser-aí que se funda no existencial ser-em, manifestando a própria espacialidade existencial do ser-aí. Isso exige que se acompanhe a analítica do ser-em desenvolvida pelo filósofo em “*Ser e Tempo*”, o que extrapola os limites desse texto⁴. Nesse momento, registra-se a emblemática passagem da referida obra de Heidegger, onde pode-se justificar o argumento anterior, de que a ciência geográfica se funda no existencial ser-em:

O que diz *ser-em*? De saída, completamos a expressão, dizendo: o ser “em um mundo” e nos vemos tentados a compreender o ser-em como um estar “dentro de...”. Com esta última expressão, designamos o modo de ser de um ente que está num outro, como a água está no copo, a roupa no armário. Com este “dentro” indicamos a relação recíproca de ser dois entes extensos “dentro” do espaço, no tocante a seu lugar neste mesmo espaço. Água e copo, roupa e armário estão igualmente “dentro” do espaço “em” um lugar. Esta relação de ser pode ampliar-se, por exemplo: o banco na sala de aula, a sala na universidade, a universidade na

⁴ Essa investigação está em curso através da pesquisa de doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santos.

cidade e assim por diante até: o banco “dentro do espaço cósmico”. Esses entes, que podem ser determinados como estando um “dentro” do outro, têm o mesmo modo de ser do que é simplesmente dado, como coisa que ocorre “dentro” do mundo. Ser simplesmente dado “dentro” do que está dado, o ser simplesmente dado junto com algo dotado do mesmo modo de ser, no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos de *categorias*. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser do ser-aí.

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição de ser do ser-aí e é um *existencial*. Com ele, portanto, não se pode pensar no simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) “dentro” de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; “em” deriva-se de *innan-*, morar, habitar, deter-se; “an” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa possui o significado de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou [ser-aí]. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. *O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser do ser-aí que possui a constituição essencial de ser-no-mundo* (HEIDEGGER, 2013a, p. 99-100, grifo do autor).

Por isso, nesse momento cabe apenas a indicação formal do caminho investigativo. O decisivo é esclarecer que essa investigação acaba por conduzir essa analítica do ser-em para a cotidianidade decaída. Isso porque na referida obra, Heidegger privilegiou na analítica do ser-aí, o modo como de imediato e na maioria das vezes, esse ente que somos (o ser-aí) é em meio ao cotidiano, a saber: por meio de uma cotidianidade decaída, no sentido em que o decaído significa “cair” no mundo, isto é, mundo como horizonte histórico de nossas possibilidades de ser. O que acaba vindo à tona a partir desse esclarecimento, quase que por si mesmo, é a indagação acerca de qual mundo histórico orienta nossas possibilidades de ser? Qual mundo histórico é o nosso? Essas questões não foram respondidas pela analítica do ser-aí de “*Ser e Tempo*”, mas foram colocadas como questão no pensamento tardio de Heidegger, por meio, especificamente, da “questão da técnica”. Desse modo, a investigação das bases “ontológico-existenciais” da Geografia permite alcançar a meditação heideggeriana acerca da técnica moderna.

Nesse sentido, sobre a investigação heideggeriana sobre a técnica, desenvolvida pelo filósofo no texto “*A questão da técnica*” (1953) deve se tornar nítido que

Em “A questão da técnica”, Heidegger pretende interrogar a técnica acerca de sua própria essência. Nessa interrogação, a técnica será tomada como questão, o que já antecipadamente elimina algumas possibilidades, tais como investigação e definição. Com efeito, a técnica não será tomada como objeto cuja investigação nos levaria possivelmente a uma essência; tampouco a técnica será submetida a um processo de conhecimento objetivo ao cabo do qual se poderia defini-la. Em outras palavras, não se pretende chegar a qualquer resultado que forneça uma representação da técnica. O que será feito só se pode enunciar, a princípio, negativamente: trata-se de afastar algumas concepções habituais que se consolidaram como visões da técnica, para com isso liberar a sua essência. Isso não significa que, com esse procedimento, nos



apropriaremos da essência da técnica; apenas nos colocaremos na posição em que seria possível pensá-la eventualmente para além das dimensões metafísica e epistemológica [...] (LEOPOLDO E SILVA, 2007, p. 369).

Assim sendo, a investigação heideggeriana da essência da técnica fornece a possibilidade de se pensar uma medida vinculadora para nosso mundo histórico. Cabe antecipar, que ao questionar a técnica, o decisivo é o modo com o qual o filósofo passa a diferenciar a técnica antiga (grega) da técnica moderna. No fundo, é por meio dessa diferença que se conquista a medida vinculadora do nosso tempo histórico enquanto uma correspondência, à essência da técnica moderna. Aqui, não se trata de identificar um novo fundamento ontológico para a ciência geográfica, porque a reflexão heideggeriana sobre a essência da técnica moderna foi desenvolvida tendo em seu horizonte a diferença ontológica entre ser e ente. Casanova (2013) explique

Quanto mais intensamente Heidegger foi se concentrando na questão do ser, mas central foi se tornando para ele a expressão “diferença ontológica”. Aquilo que a princípio funcionava como a razão mesma para não se falar em ser, mas em sentidos ou campos de sentido do ser, passou a descrever cada vez mais um traço fundamental do próprio acontecimento do ser. Afirmar que o ser não é um ente não significa aqui simplesmente reter uma distinção abstrata entre duas coisas, mas implica antes muito mais pensar uma impossibilidade constitutiva de todo e qualquer acontecimento de mundo que revela ao mesmo tempo um limite das distinções racionais em geral. Toda vez que um mundo histórico se dá, temos a determinação de uma abertura do ente na totalidade. Cada mundo é uma ontologia globalizante, na qual o modo de ser dos entes em geral é desde o princípio definido a partir de uma determinação do ser desses entes, uma determinação que os reúne incessantemente em uma medida histórica específica. Em outras palavras, cada mundo sempre se assenta sobre um certo fundamento que determina em seu ser o ser de todos os entes em geral. A questão com a diferença ontológica é justamente marcar o caráter em última instância infundado de todo e qualquer fundamento, de todo e qualquer mundo. Como o ser nunca se confunde com um ente entre outros, nem mesmo com o ente supremo e sumamente perfeito, jamais se pode pensar um mundo, ou seja, uma determinação do ser do ente na totalidade, que traga consigo uma suspensão do problema mesmo do fundamento, uma correção do caráter histórico de toda e qualquer fundação (p. 165-166).

Portanto, a reflexão heideggeriana sobre a essência da técnica moderna não se orienta pelos moldes do pensamento metafísico. Isso quer dizer, aquilo é conquistado pela essência da técnica moderna, não é um novo fundamento, ou seja, a palavra essência não diz aqui “substância”, “fundamento”, “quididade”. A expressão essência quer indicar a dinâmica de realização da técnica moderna como um modo de caracterização do nosso mundo histórico.

A importância da reflexão heideggeriana sobre a técnica já foi reconhecida na ciência geográfica (JORONEN, 2010; ELDEN, 1998, 2006). No entanto, deve destacar, neste contexto, a contribuição de Reis (2009), por meio do seu artigo “*Ontologia da Produção do espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica*”. Neste artigo, como evidenciado pelo próprio título, o geográfico

colocou em tela, o problema da fundamentação ontológica da Geografia, tendo como fio condutor a técnica. E, por meio dela, propôs o diálogo entre Milton Santos e Heidegger. Isso foi possível, porque, como se sabe, a técnica possui centralidade na ontologia do espaço de Santos. Além da contribuição de Reis (2009), outro geógrafo recentemente, chamou atenção para a necessidade de se introduzir na ciência geográfica a analítica do ser-aí juntamente com a técnica.

Partindo do estado atual da ciência, da técnica e da informação, como tanto queria Milton Santos, nós teremos a possibilidade de redefinir o tempo e o espaço. Todavia, a geografia não parece muito interessada em introduzir a técnica e a discussão sobre a analítica existencial [*analítica do ser-aí*] em sua teorização, em seu método e seus estudos sistemáticos. Essa é uma das razões de expressões vagas tais como “relação espaço-tempo”. Partindo da ideia do trato e da lida com os objetos, como utensílio e da técnica, poderíamos definir o tempo e o espaço a partir dos mesmos elementos e adotando parâmetros idênticos. O fosso entre espaço e tempo seria, pois, preenchido e considerariamos os dois como uma realidade unitária, um *espaçotempo*, permitindo construir uma teoria geográfica (SILVA, 2018, p. 97-98).

Desse modo, a indicação dada por Silva (2018) permitiria retomar o diálogo entre Santos e Heidegger, proposto por Reis (2009). Essa retomada, seguindo aquilo que foi conquistado até o momento neste presente texto, permitiria conciliar a analítica do ser-aí, precisamente, analítica do ser-em e a espacialidade existencial do ser-aí, correspondendo a investigação das “bases ontológico-existenciais da Geografia com “A questão da técnica”.

Nos limites desse texto, trata-se, portanto, da indicação do caminho investigativo que propõe uma virada ontológica na Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de virada ontológica do presente texto tem em vista, para sua efetivação, a necessidade de diálogo entre o pensamento tardio de Heidegger e o pensamento do geógrafo Milton Santos. Isso se justifica na medida que, se o pensamento tardio de Heidegger foi marcado pela “questão da técnica”, no pensamento de Milton Santos, a técnica se tornou um elemento central para a elaboração da ontologia do espaço geográfico (SANTOS, 2009). Nesse sentido, o pensamento heideggeriano pode oferecer avanços à ontologia do espaço presente no pensamento de Santos. Por isso, esse diálogo é tão plausível quanto necessário. Seu desenvolvimento, porém, só será possível por meio de um projeto de pesquisa que permita o diálogo e o amadurecimento entre essas vias de pensamento (REIS, 2012; SILVA, 2018).



REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marco Antônio. **Comprender Heidegger**. 4. ed. RJ: Vozes, 2013.
- ELDEN, Stuart. **Mapping the presente: space and history in the work of Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger and Michel Foucault**. 1998. 293.f. Tese (Doutorado em filosofia). Department of Government at Brunel, UK, 1998.
- _____. **Speaking Against Number: Heidegger, language and the politics of calculation**. Edinburgh: University Press, 2006.
- HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 234.f. Tese (Doutorado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- JORONEN, Mikko. **The age of planetary spaço: On Heidegger, being and metaphysics of globalization**. 2010. 246.f. Tese (Doutorado em Geografia). University of Turku, 2010.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Martin Heidegger e a técnica. **Scientiae studia**. v. 5, n.3, p. 369-374, 2007.
- MARANDOLA Jr., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, p. 81-94, jan/abr. 2012.
- MARTINS, Élvio Rodrigues. As dimensões do geográfico: um diálogo com Armando Corrêa da Silva. **GEOUSP-Espaço e Tempo (Online)**, SP, v. 18, n. 1, p. 40-54, 2014.
- MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica**. SP: Contexto, 2012.
- _____. Marxismo e geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. **GEOgraphia**, ano 6, nº 11, p. 21-37, 2004.
- PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- REIS, Luís Carlos Tosta dos. Ontologia da Produção do espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica. **Geografares**, Vitória nº 13, p. 01-39, dez. 2012.
- _____. Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da geografia: o desafio da diferença ontológica. **Geografares**, Vitória, nº 7, p. 111-122, dez. 2009.
- REIS, Luis Carlos Tosta dos; SANTOS, Josimar Monteiro. O Resgate da Investigação Ontológica na Geografia através da Fenomenologia-Hermenêutica de Martin Heidegger. **ParaOnde!?**, Porto Alegre, v.12, n.1, p. 173-190, 2019.



REIS, Luis Carlos Tosta dos; SANTOS, Josimar Monteiro; SILVA; Akylla Cozer Chiabai. Geografia em bases ontológico-existenciais através da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger: o significado do existencial *ser-em*. **Geografares**, Vitória, v.1, n. 33, p. 33-59, 2021.

SANTOS, Josimar Monteiro. **Horizonte humanista e fenomenologia na geografia: o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger**. (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. SP: Edusp, 2009.

SILVA, Aldo Dantas da. **Geografia e existência: uma análise a partir de Ser e Tempo de Martin Heidegger**. Tese. 100f. (Tese professor titular). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018.